

PERCEPÇÃO DAS JOVENS MÃES SOBRE A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE PARIR

Ladyany Soares Silva¹; Sheila Aparecida Ferreira Lachtim²

¹ Especialista em Enfermagem Obstétrica, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais.

² Doutora em Enfermagem. Profa. Sheila Aparecida Ferreira Lachtim, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Parto. Adolescente. Qualitativa.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Coletiva

DOI: 10.47094/IICONRES.2022/3

INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência é fenômeno social com diferentes significados a depender do local, cultura e momento histórico. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), no Brasil a gravidez juvenil está acima da média mundial. A cada mil adolescentes no mundo 46 torna-se mãe, na América Latina o índice é de 65, enquanto que no Brasil é de 68,4. Estima-se que cerca de 434,5 mil adolescentes se tornam mães ao ano no país. (ONU, 2020). A mulher passa por grandes transformações biológicas e psicológicas ao gestar. Quando se trata de uma gestante jovem, esse fenômeno é permeado por incertezas, surpresas, anseios, medo, alegrias e angustias somatizados as modificações do período da adolescência. (MOTA et al.,2011)

De acordo com os pressupostos de uma atenção humanizada no parto é importante que os profissionais envolvidos tanto no pré-natal quanto na assistência ao parto, reconheçam o significado dessas vivências para as jovens parturientes. Pois é nesse momento do parto que todas as angustias e medos envolvendo a gravidez vem à tona. O apoio da equipe e do acompanhante nesse momento pode minimizar as angustias da jovem parturiente. (SILVA et al., 2018; ENDERLE et al.,2012)

Portanto o objetivo desse trabalho foi conhecer a percepção das jovens mães sobre a experiência de parir pela primeira vez, buscando identificar situações que possam ter contribuído para que essa experiência fosse positiva ou negativa e estimular a reflexão dos profissionais acerca das práticas assistenciais ofertadas a esse público.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal de abordagem qualitativa. A população do estudo foi conformada por jovens entre 14 e 19 anos, que foram mães no período de um ano, e que se voluntariaram para participar da pesquisa, totalizando 4 jovens. O recrutamento da população de

estudo foi realizado por conveniência, com auxílio das ACS das equipes para a abordagem pessoal, esse processo teve duração de 2 semanas. O local de estudo foi a área de abrangência da Unidade de Saúde Vila Maria, na região nordeste do Município de Belo Horizonte. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com as jovens que residem na área de abrangência da UBS Vila Maria no momento do recrutamento. As entrevistas foram realizadas nos domicílios durante a visita com as ACS e nos consultórios da UBS, em local reservado e com o tempo de duração das entrevistas de aproximadamente 10 minutos. Para a entrevista, foi utilizado um roteiro semiestruturado com o questionamento da experiência de parir das jovens mães e características sociodemográficas. As entrevistas foram gravadas com o uso de um celular e transcritas posteriormente para análise. As falas foram submetidas à análise temática de conteúdo, a partir da orientação de Bardin (1977).

Aspectos éticos

A pesquisa foi desenvolvida obedecendo a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). Parecer aprovado do COEP sob o n° CAEE: 44587621.0.0000.5149.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Obtivemos uma amostra final de 4 participantes entrevistadas, entre as características sociodemográficas estão, a idade: E1: 19 anos, E2: 15 anos, E3: 18 anos e E4: 16 anos. Quanto ao critério raça e cor: três se declararam negras e uma se declarou branca. Em relação ao número de filhos todas eram primíparas. No item escolaridade as jovens apresentaram exclusão escolar no ensino médio, que pode ser relacionado tanto com a maternidade quanto ao ensino remoto imposto pela pandemia.

No que se refere a experiência que foi parir pela primeira vez, foi unânime a resposta que o processo aconteceu muito rápido:

“Foi super rápido, eu cheguei lá com nove centímetros, tive três horas de bolsa rota só e nasceu rapidinho.” (E1)

“O parto foi natural, não deu nenhum problema, eu não ganhei ponto nem cesárea, nem nada.” (E2)

“Meu parto foi normal. Foi rapidinho. Foi umas 3 horas e 11 minutos de parto.” (E3)

“Foi rapidinho.” (E4)

Embora seja muito comum as jovens desconhecerem os aspectos envolvendo o trabalho de parto, percebe-se em suas falas, que o parto aconteceu rapidamente. As falas elucidam que o processo possivelmente seguiu a natureza fisiológica, com o mínimo de intervenção, obedecendo o caminho natural da parturição. A equipe deve proporcionar a mulher uma atenção humanizada de acordo com

as diretrizes do PHPN (Programa de Humanização do Parto e Nascimento), permitindo que elas sejam protagonistas do seu trabalho de parto, informando-as sobre qualquer intervenção desde que necessárias e respeitando suas decisões e consentimentos, além de não ter reprimidas suas reações e sentimentos. (SILVA, 2013).

Uma das entrevistadas relata que teve dúvidas de sua capacidade de parir durante o pré-natal e no momento do parto:

“Nossa, será que eu vou dar conta do parto?”. (E4) “Aí eu fui para o hospital, fiquei lá, aí a médica falou comigo: “Volta. Se você sentir a dor mais forte você vem”. Aí quando foi 5 horas da manhã a contração veio apertando, veio apertando, aí eu falei: “não vou aguentar não”. Aí eu peguei e fui para o Sofia (Hospital Sofia Feldman), né? Cheguei lá no Sofia- cheguei lá 5 horas, eles me atenderam 6:20, 6:50 esse menino nasceu.” (E4)

O pré-natal é o momento ideal para que a jovem busque sanar suas dúvidas em relação ao trabalho de parto. É de extrema importância que o profissional de saúde que realiza o acompanhamento do pré-natal, se posicione para auxiliar a adolescente nesse sentido. Os conhecimentos obtidos durante o pré-natal, principalmente aqueles que se referem a identificação do início do trabalho de parto e sinais de alerta, influencia positivamente a jovem no seu autocuidado, além de diminuir idas desnecessárias a maternidade antes do momento do parto. (FIGUEIREDO et al., 2010)

Sobre a dor e escolha da posição no período expulsivo, percebemos que muitas vezes a queixas de dor das jovens são ignoradas:

“Eu ficava assim: “nossa tá doendo”. Eu sentava no vaso e abria a perna: “ai que delícia”. Passava. Quando pensa que não, o menino nasceu dentro do vaso, sem ninguém perto de mim. Ele não nasceu perto de médico. Aí o médico tá assim comigo, ele viu que eu tava no banheiro gritando de dor, aí ele: “Oh, menina sai daí, seu neném vai nascer dentro do vaso”, aí eu falei: “não, não”. Ele falou: “sai daí que eu vou pegar a cadeira de roda para você”. Na hora que ele foi pegar a cadeira de rodas eu fui e levantei, ajoelhei no chão e fiz força, ele nasceu em cima de mim.” (E4)

A dor é subjetiva para cada sujeito, não sendo possível mensura-la com exatidão. Entretanto no trabalho de parto, é comum os profissionais que atendem as mulheres serem indiferentes a ela, talvez por se tratar de uma situação rotineira no ambiente de trabalho. Esse comportamento, porém, tende a negligenciar as gestantes no período expulsivo, principalmente se as mesmas se forem jovens. (MOTA et al., 2011).

Quando a dor das jovens se intensificam, elas têm a sensação que o bebê vai nascer rapidamente, na primeira força de expulsão que fizer. Gerando nos profissionais impaciência e até atitude hostil e de julgamento pela gravidez na adolescência. Principalmente quando a jovem se recusa a colaborar com as rotinas e propostas da equipe. Porém esse comportamento não condiz com o preconizado pelo Ministério da Saúde, para acompanhamento do parto. Dessa forma, o tratamento ofertado a gestantes deve levar em consideração as necessidades das jovens, seu conhecimento prévio e adequar às rotinas às suas necessidades. O apoio da equipe e do acompanhante traz inúmeros benefícios a jovens parturientes, garantindo segurança, empoderamento da mesma, além da redução do estresse causado pela dor do trabalho de parto. (ENDERLE et al., 2012).

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi possível observar que o conhecimento das jovens sobre o trabalho de parto é mínimo em relação a assistência humanizada. O pré-natal configura-se como um período ideal para a orientação das jovens em relação a dúvidas que possam surgir sobre gestação, parto e nascimento. É importante que os profissionais que acompanham essas jovens se proponham a auxiliar e sanar dúvidas das mesmas.

Percebe-se que a dor foi um sinal negligenciado durante o trabalho de parto. Essa conduta dos profissionais não contribuiu para uma assistência humanizada com foco na parturiente, visto que a indiferença à dor, faz com que o profissional se afaste da gestante no momento de vital importância para ela. Espera-se que os profissionais possam atuar na assistência fornecendo apoio, informações e estando presente, auxiliando para que a parturiente seja protagonista do seu parto.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ENDERLE, C.F.; KERBER, N.P.C.; SUSIN, L.R.O.; MENDOZA-SASSI, R.A. Avaliação da atenção ao parto por adolescentes em um hospital universitário. **Rev Bras Saúde Mater Infant**. Recife, 2012, v.12, n.4, p.383-394.

FIGUEIREDO, N. S. V., BARBOSA, M. C. A., SILVA, T. A. S., PASSARINI, T. M., LANA, B. N., & BARRETO, J. Fatores culturais determinantes da escolha da via de partos por gestantes. **HU Ver** (2010). 36(4), 296-306.

MOTA E.M, OLIVEIRA M.F, VICTOR J.F, PINHEIRO A.K.B. Sentimentos e expectativas vivenciados pelas primigestas adolescentes com relação ao parto. **Rev Rene**, Fortaleza, 2011 out/dez; 12(4):692-8.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Taxa de gravidez na adolescência no Brasil está acima da média mundial, aponta ONU, 2020**- disponível em: <https://nacoesunidas.org/taxa-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-esta-acima-da-media-mundial-aponta-onu/> Acesso em: 26 maio 2020

SILVA R.C.F, SOUZA B.F, WERNET M, FABBRO M.R.C, ASSALIN A.C.B, BUSSADORI J.C.C.
Satisfação no parto normal: encontro consigo. **Rev Gaúcha Enferm.** 2018;39:e20170218

SILVA RC, SOARES MC, JARDIM VMR, KERBER NPC, MEINCKE SMK. O discurso e a prática do parto humanizado de adolescentes. **Texto Contexto Enferm.** 2013; 22(3): 629-36.